

# A HORA DA ESTRELA: compromisso com a palavra

Dirce Côrtes Riedel

UERJ-LETRAS

*LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. 12. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.*

Neste ano de 1986 muita gente está lendo o romance de Clarice Lispector, *A hora da estrela*, porque viu o filme do mesmo nome, de Suzana Amaral, e há quem esteja vendo o filme porque leu o livro.

Apesar de muitas produções cinematográficas se originarem de obras literárias e de grandes filmes inspirarem a literatura contemporânea, literatura e cinema têm linguagens próprias que se distanciam mas também se cruzam. O filme, enquanto filme, destrói o livro, enquanto livro, porque se rompe uma unidade artística (o livro) quando outra é construída (o filme), e viceversa. Na produção cinematográfica que sai de um texto literário está uma das múltiplas sugestões que a sua leitura pode suscitar. Por isso as imagens visuais do filme não correspondem obrigatoriamente às imagens mentais do livro. "O livro não é convertido em filme". "O cineasta não é tradutor de um autor, mas um novo autor com direitos próprios".

Esse novo autor, no caso Suzana Amaral, fez uma seleção do material da ficção de Clarice. E nesse encontro-conflito entre cinema e literatura, foi abandonada a complexidade do foco narrativo do romance. Houve uma opção da diretora do filme: a de não trabalhar com movimentos de câmeras e cortes que instalassem a narrativa na fonte em que a colocou o romancista — a consciência culposa do narrador. O conteúdo ideológico do filme e do livro, não sendo diversos, se distanciam pelo modo de expulsão do drama de Macabéia: narração direta naturalista no primeiro e narração conflituosa no segundo, através de penoso parto.

O narrador do romance de Clarice está estrangulado entre

oposições. De um lado há a luta contra o seu distanciamento em relação ao subdesenvolvimento brasileiro, que ele está descobrindo sem coragem de ver; de outro lado há qualquer coisa que o empurra para dizer a verdade miserável dessa gente, através de uma personagem que o comprime interiormente e que ele é obrigado a expelir. Mas essa personagem, imersa no problema, está ao mesmo tempo fora dele: para ela não há luta, só há perplexidade e aceitação. A alienação e o conformismo, “a ausência dentro de si mesma”, a inconsciência da migrante nordestina Macabéia, opõem-se à consciência dilacerada de quem narra, de quem está sendo forçado, pelo próprio ato da palavra, à responsabilidade de participação da qual quer livrar-se para poder voltar à sua habitual irresponsabilidade.

Mas, além de expeli-la e estranhá-la, o narrador chega a amar a personagem que cria, em toda a sua feiura, em toda a sua incompetência de ser. A correspondência entre o problema social e a sua angustiante conscientização é difusa e confusa, embora complexa, ante a insensibilidade da moça tão jovem e já com ferrugem, desbotada e embotada, sem nunca perder a fé na ideologia que a massacra.

Os treze títulos propostos atestam o grande compromisso de Clarice — o compromisso com a palavra (“Atingi-la é o meu dever para comigo”). O torturado narrador procura fugir da mortificação para nela engajar o leitor, numa leitura que vai sendo realizada à medida que vai sendo escrita a história da vítima que convive com a opressão, acatando-a submissa. Afinal todos se tornam torturados e torturadores.

A dúvida sobre a incompetência de Macabéia para a vida faz dela uma idiota ou uma santa, ou uma idiota santa, percorre a narrativa sem ser resolvida. Mas é essa idiota santa que compele o narrador a deixar de olhar o mundo apenas através da vidraça, como o personagem de Goethe. E leva-o até a nada ler, abandonando a cultura erudita para não contaminar com “luxos” a simplicidade da linguagem da narrativa que deve assumir o ritmo dos que “não chegam a existir como gente” ou da “grandeza de cada um”.

A alienação dos valores impostos e mitificados pela cultura de massa e a vulgaridade cinematográfica de Glória (a colega que Macabéia inveja por ser carioca, pertencendo ao “ambicionado clã do sul do país”) fazem o narrador se queixar da banalidade da história que ele mal agüenta escrever. Uma história banal, que só pode ser impelida por pressão interior, pois exteriormente ela é patrocinada pelo produto que todos amam com “servilidade e subserviência” — a Coca-Cola — um meio

da pessoa "atualizar-se e pisar na hora presente".

Entre dúvidas e oscilações, o narrador, obrigado a lidar com fatos, percebe que o seu texto lhe revela uma verdade social camuflada. Por isso se surpreende por saber tanto a verdade de uma história que nunca aconteceu e cujas virtualidades ele vai preenchendo no real do romance, onde a personagem, morrendo, não morre, porque fica suspensa no sonho.

Macabéia, que só brilha na hora da morte quando, superando a nordestina apagada e subserviente, se torna brilhante estrela de cinema, realiza o circuito do próprio cinema em relação à literatura: o filme, enquanto filme, destrói o livro, enquanto livro, passando cada qual a ter vida própria.